



MÉDICI - O GENERAL E O PRESIDENTE

Ney Salles*

Não é fácil, mesmo para estudiosos do assunto, estabelecer um paralelo entre um chefe militar e seu desempenho político em particular no caso do General Médici, que assumiu a presidência da República no decurso de grave crise política, com sérios riscos para a segurança nacional.

A tarefa de trazer a público um pouco de suas qualidades foi bastante facilitada por várias razões. A primeira, em virtude de ter sido, por duas vezes, seu

comandado na Academia Militar. A outra, pela leitura do livro "Médici - o depoimento" de autoria de seu filho engenheiro Roberto Nogueira Médici. E poderia enumerar ainda muitas outras relacionadas ao surto de desenvolvimento alcançado pelo País, à época em que exerceu o cargo de Presidente da República.

Como ponto de partida para traçar o perfil do Presidente Médici, procuro ressaltar, à luz dos princípios de chefia e liderança, atos e fatos ocorridos durante o seu governo.

Essa foi a maneira que encontrei de resgatar a dívida dos brasileiros para com

um homem público, quando muitos, nos dias atuais, procuram diminuir-lhe os méritos.

Nos próximos tópicos, comentaremos os atributos mais característicos do perfil de chefia e liderança de Emilio Garrastazú Médici, oficial-general de nosso Exército, Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Adido Militar nos EUA, Chefe do SNI, Comandante do III Exército e que, como Presidente da República, fez por nosso País e nosso povo muito mais do que outros o fizeram.

Conhecer sua posição

À época do movimento de 64, Médici comandava a Academia Militar das Agulhas Negras. A situação exigia uma tomada de posição. Havia um clima de grande pregação anticonstitucional, visando ao fechamento do Congresso, caso não fossem aprovadas as "reformas de base" propostas pelo Presidente João Goulart.

A atitude de Médici não podia ser outra. Se fazia parte de suas tarefas tomar uma posição frente aos futuros oficiais que comandava, não

* Coronel de Infantaria e Estado-Maior.

vacilou. E a Academia, como um todo, respaldou-lhe a posição. Sobretudo os cadetes. Não ocorreram dissensões, o que demonstra o acerto da posição assumida.

Conhecer-se a si próprio e procurar aperfeiçoar-se

Ao deixar o comando da Academia Militar, foi nomeado Adido Militar em Washington. Seu fraco domínio do inglês era, para ele, um constrangimento. Apesar de se haver desincumbido galhardamente desse encargo, não via a hora de regressar ao Brasil. Sabedor dessa pretensão, Costa e Silva, ao assumir o poder, ofereceu-lhe a presidência da Petrobrás, cargo que recusou sob a alegação de que não entendia nada de petróleo. Face a sua recusa, o presidente o convidou para chefiar o SNI. A maior prova de que procurava aperfeiçoar-se e ao sistema que chefiara nos legos Médici, quando presidente, criando a EsNI – Escola Nacional de Informações.

Conhecer seu povo e interessar-se pelo seu bem-estar

Médici, nascido em Bajé, desde pequeno habi-

tuou-se ao convívio do povo simples e rude da fronteira. Já no início da carreira, numa clara identificação com os anseios desse povo, aderiu à Revolução de 30, embalado pelas idéias de reformas sociais pugnadas pelos chefes revoltosos.

Quanto a interessar-se pelo seu bem-estar, comprovam-no a menor taxa de desemprego, o menor índice de inflação e a menor desvalorização dos salários durante seu governo.

Manter seus auxiliares sempre a par de suas decisões

A observância desse princípio deu-nos Médici, no episódio de sua indicação para substituir o Presidente Costa e Silva.

Ao final da reunião e depois de ouvir todos os que o indicaram, perguntou, a um por um, se acatariam suas decisões.

Como a resposta fosse afirmativa, disse: *“Está certo. Aceito ser o chefe e minha primeira ordem é indicar o almirante Rademaker como Vice-presidente.”*

Foi de imediato contestado por um dos presentes à reunião, que alegou o impedimento de qualquer mem-

bro do Alto Comando aceitar cargo político.

Declarou Médici no ato: *“Meus senhores minha primeira decisão está sendo contestada. Não sirvo para isso. Escolham outro.”*

Imediatamente retirou-se para Porto Alegre. Uma semana depois o assunto estava resolvido. O Almirante seria seu vice e o país ganhava um presidente.

Dar o exemplo

Em um regime institucional, mais do que em qualquer outro, o presidente tem que ser um verdadeiro líder. E Médici foi esse líder, pelos exemplos que nos deixou de patriotismo, honradez e dignidade.

Em que pese ter exercido a presidência durante um período de exceção, a oposição construtiva sempre teve seu espaço, apesar da censura existente. O Congresso nunca foi ameaçado e nenhum de seus membros cassado. Havia apenas da parte de Médici o entendimento de que a guerrilha era uma ameaça às instituições democráticas. Por isso lutou com todas as forças legais contra essa ameaça. Aliás a própria sociedade o apoiou nessa cruzada anti-subver-

são. Só que hoje esse feito é negado.

E Médici sozinho deu o exemplo do muito que pode ser feito, mesmo quando a maior parte dos beneficiados procuram se omitir, esquecendo a realidade de então.

Verificar como suas diretrizes são executadas

Preocupavam-no sobremaneira a repercussão das diretrizes através das quais buscava estabelecer os rumos de sua ação de governo.

As reuniões de seu ministério eram, por isso, importantes. Essa a razão por que Médici confiava em sua assessoria. Não havia homens-chave ou superministros, todos eram de sua confiança. Importava-se com todos.

Eram os ministros que levavam ao presidente os dados que o permitiam ver como suas diretrizes para os diferentes setores estavam interagindo nos campos político, econômico, social e militar.

Essa era a fórmula encontrada para verificar como suas diretrizes vinham sendo executadas.

Fazer sua assessoria funcionar como uma equipe

Médici era homem que delegava poderes a seus assessores. Enquanto isso fosse respeitado, quem recebia delegação de competência tinha crédito absoluto. Qualquer ministro assumia o cargo com total independência para nomear seus subordinados. Não havia qualquer ingerência do Presidente.

Para se ter uma idéia do quanto isso era levado em conta, basta dizer que Médici não patrocinou a promoção de nenhum general, não indicou nenhum embaixador, nem nomeou nenhum parente para cargo público. O nome que o ministro trazia era o que recebia seu aval. Isso mostra claramente a confiança que depositava em sua assessoria, prestigiando o trabalho de equipe.

Decidir com acerto e oportunidade

Com relação aos aspectos envolvendo questões militares, era sua preocupação conter os excessos, sem quebrar a harmonia das Forças Armadas. Prova disso foi sua determinação para o

afastamento de um oficial acusado de maus tratos a presos políticos. O não cumprimento dessa ordem obrigou Médici a demitir um de seus ministros militares.

E, para que não pairassem dúvidas sobre o fato, em reunião ministerial, convocada especialmente devido a essa ocorrência, e na presença de todos os ministros, disse o presidente que se era lícito matar e morrer em luta franca e na defesa dos valores democráticos, era inadmissível maus tratos a prisioneiros.

Essa era a sua diretriz e sempre que era informado de que não estava sendo cumprida, agia de imediato.

Amar a responsabilidade e desenvolver esse sentimento nos auxiliares

Médici nunca fugiu à responsabilidade. Assumiu o cargo indicado por seus companheiros de farda em momento crítico da vida nacional e para cumprir a missão que lhe havia sido confiada.

Desde os primeiros dias de seu governo, dizia abertamente: *"Minha intenção é pacificar o país e, ao final de meu governo, devolver o poder aos civis."*

Essa seria a tônica de sua ação de governo e que procurou transmitir a seus auxiliares. Não admitia a perpetuação no poder. Gostava de estar sempre à frente dos assuntos que considerava importantes para o governo e o país. Não fugia à responsabilidade nem permitia que sua assessoria tivesse outro comportamento. Amava a responsabilidade e incutia em seus auxiliares esse estado de espírito.

Empregar os recursos conforme as disponibilidades

Era sua permanente preocupação nunca dar um passo maior do que os recursos o permitiam. Uma prova disso está na conclusão da ponte Rio-Niterói. Os recursos escasseavam, mas era preciso cumprir os contratos e compromissos assumidos interna e internacionalmente.

Outro fato relativo a esse princípio diz respeito à energia nuclear. Já em seu governo havia estudos sobre o assunto. Qual a nação que não se preparava para ingressar na era nuclear? E o Brasil não era exceção à regra.

Só que, entre assinar um protocolo que comprome-

tesse a economia nacional abalada pela crise do petróleo e preservar nossa balança de pagamento e reservas cambiais, Médici decidiu-se pela preservação de nossa estabilidade econômica.

Assumir a responsabilidade por seus atos

A credibilidade com que Médici chegou ao final de seu mandato era fruto da responsabilidade com que se houve na condução dos negócios do governo.

Alguns acontecimentos exigiram que empenhasse sua responsabilidade mais do que outros. Os referentes aos religiosos era dentre eles. A solução desses casos era prerrogativa exclusiva do Presidente. Havia padres participando ativamente de atividades subversivas. Médici tratava disso diretamente com os mais altos dignitários da Igreja.

Assim é que, certa vez, foi procurado por D. Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo.

Como fazia com todos, foi recebê-lo na porta de seu gabinete. Tão logo adentrou, o arcebispo foi dizendo: "*Presidente, não sou o arcebispo de São Paulo, sou*

um padre boa praça. Que é que eu posso fazer pelo senhor?"

Achando ser essa uma desconsideração, pois fora o arcebispo que pedira o encontro, respondeu-lhe Médici de imediato: "*Que o senhor cuide de sua Igreja e que eu cuide de meu governo.*"

Essa noção de responsabilidade é que melhor caracterizava a personalidade de Médici como homem, militar e presidente.

Conheci Médici em 1960 quando ele era Subcomandante da Academia Militar. Desde logo aprendi a admirar-lhe a simplicidade, firmeza e honestidade no trato dos assuntos do cotidiano. E essa admiração tornou-se ainda maior quando ele exerceu a Presidência da República.

Médici tinha a consciência tranqüila do dever a cumprir. Enfrentou com destemor os seqüestros de embaixadores, os assaltos, o terrorismo e a guerrilha urbana e rural. Ao sair-se vencedor do confronto, podemos dizer que estabeleceu as bases para o retorno do país ao regime democrático.

No campo econômico baixou a inflação ao nível de